

DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA E LITERATURA: A MULHER NA NARRATIVA DE JOSÉ SARAMAGO¹

DIALOGUES BETWEEN HISTORY AND LITERATURE: THE WOMAN IN NARRATIVE BY JOSÉ SARAMAGO

Paulo Fernando de Souza Campos²
Maria Auxiliadora Fontana Baseio³
Angelica Moriconi⁴

RESUMO: A proposta deste estudo é analisar, por meio da obra *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, a representação da mulher na interface entre Literatura e História. Em sua implicação metodológica, o estudo utilizou-se da semiótica de orientação francesa, na perspectiva de Greimas, como proposta para a investigação. Os resultados obtidos consideraram a ficção como fonte inesgotável para a pesquisa interdisciplinar e reiteram que o autor desconstrói os estereótipos forjados para o feminino.

Palavras-Chave: Narrativa Semiótica; História; Literatura.

ABSTRACT: The purpose of this study is to analyze, through the work *O conto da ilha desconhecida*, of José Saramago, the representation of women at the interface between literature and history. In its methodological implication, we used the semiotics, especially French orientation, by Greimas, as research pillars. The results considered fiction as an endless source for interdisciplinary research and reiterate that the author deconstructs the forged stereotypes for the feminine.

Keywords: Semiotics Narrative; History; Literature.

1 Artigo recebido em 30 de maio de 2017. Aceito em 20 de julho de 2017.

2 Doutor em História pela Universidade Estadual Paulista com Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo - FAPESP. Professor do Programa de Pós- Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento – CISGES/UNISA/CNPq e-mail: pfcampos@unisa.br

3 Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora do Programa de Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa Arte, Cultura e Imaginário. e-mail: mbaseio@unisa.br

4 Doutoranda em Literatura e Mestre em Letras pela Universidade de São Paulo. Coordenadora do curso de Licenciatura em Letras e Professora de cursos de Graduação presenciais/distância e Pós-Graduação *lato sensu* da Universidade de Santo Amaro – UNISA, São Paulo. e-mail: angel.moriconi@unisa.br



Introdução

Estudos históricos que tratam o tema das mulheres, ainda que existentes, muito recentemente constituíram campo de interesse acadêmico teórico e metodológico. Mesmo que a experiência feminina represente, em todos os tempos e lugares, fundamental importância para o desenvolvimento das culturas e sociedades, ações executadas por mulheres foram desprestigiadas pela historiografia dominante, fundada nas filosofias da história como via de mão única para o entendimento das mudanças, das rupturas, das permanências e transformações vividas no tempo histórico.⁵

A condição atribuída aos homens impôs papel secundário, subserviente, inglório às mulheres, desconsideradas por uma escrita da história unidirecional, narrada de cima para baixo e no masculino. O diálogo interdisciplinar permitiu uma ancoragem em perspectiva diametralmente oposta ao que se supunha. No caso deste artigo, ao tratar a problemática a partir da Literatura, a abordagem desvela aspectos sutis, mas não menos reveladores da História das Mulheres, da construção histórica e literária do feminino. O que se pretende é correlacionar os campos do conhecimento em torno da reflexão sobre a experiência do feminino, da construção histórica das mulheres. A partir da semiótica, o que se propõe é uma interpretação das continuidades e descontinuidades históricas presentes nos níveis discursivos.

A teoria semiótica proposta pelo lexicólogo lituano Algirdas Julien Greimas (2008) preocupa-se com a análise das narrativas literárias. Em busca de construção de sentidos, pressupõe que a narrativa é composta de uma gramática interna, com unidades e regras específicas; assim, rejeita a compreensão comumente reconhecida e consagrada das análises textuais em que as unidades constitutivas dos textos eram as frases e somente estas últimas poderiam ser estudadas sob a perspectiva sintática. Desta forma, a transposição do estudo da frase para o estudo do texto pressupõe significativa mudança de enfoque, uma vez que se pode conceber uma sintaxe discursiva capaz de explicar as relações entre categorias do texto em sua globalidade, possibilitando acesso ao seu sentido mais íntimo.

5 Este artigo foi elaborado a partir de reflexões realizadas entre os grupos de pesquisa Ciência, Saúde, Gênero e Sentimento (CISGES) e Arte, Cultura e Imaginário, vinculados ao Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Santo Amaro- UNISA-SP.



Partindo dos conceitos formulados acerca do conto maravilhoso russo, Greimas chega a uma abordagem sintática do texto, deixando de operar com noções linguísticas e inserindo, pois, noções semióticas. Passa a descrever os diferentes níveis de sentido construídos no texto, quais sejam, o fundamental – nível mais abstrato em que se encontram inseridas as oposições semânticas elementares; nível narrativo – em que se determinam as relações juntivas entre um sujeito e o objeto de valor; nível discursivo – o mais superficial do texto, em que o sujeito se projeta na enunciação, constituindo-se por meio de categorias dêiticas, de pessoa, de espaço e de tempo. Tais níveis apontam para um percurso gerativo do sentido, que parte do mais abstrato para chegar à superfície onde os conceitos, as oposições semânticas e os sujeitos em busca de seu objeto de valor se investem de concretude, por meio de figurativização, actorialização e temporalização. Sua teoria pressupõe que a construção de um texto é uma articulação de ordem lógica e não uma mera construção aleatória, os pressupostos do autor se atêm às implicações que não são somente ações de personagem em uma estrutura narrativa, mas a detalhes, como construções figurativa e temática dos personagens; espaços e temporalidades explorados na obra, que evocam significados, isto é, percursos geradores de sentido e representações. Nesse sentido, essa teoria apresenta sua base interdisciplinar, favorecendo análises fundadas no diálogo entre os campos do conhecimento.

A finalidade da análise ora apresentada é confluir literatura e história como possibilidade de interpretação das construções identitárias do gênero feminino. Para tanto, espraia-se na literatura portuguesa, em específico, a obra intitulada *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, publicada em 1998 pela Editorial Caminho, de Lisboa. A obra, ganhadora do Prêmio Nobel de Literatura, entre outros aspectos, permite considerar a confluência proposta, além de contribuir para a pesquisa acadêmica fundada na interdisciplinaridade. É pressuposto observar a construção das falas do narrador e das personagens a partir da análise semiótica do chamado nível discursivo, identificando e analisando o percurso gerativo de sentido. Nele, serão examinados feixes narrativos semânticos, que evocam sinais sociais e papéis desempenhados pela protagonista, bem como representações históricas da mulher por meio da língua e da linguagem.



Análise Semiótica: a mulher no conto de José Saramago

A obra literária *O conto da ilha desconhecida*, de José Saramago, como recorrente em seu trabalho, traz à luz a representação da mulher. Na obra em específico, observa-se que o autor apresenta a principal personagem feminina como “mulher da limpeza”, última em uma escala hierárquica e a quem cabia abrir a porta das petições e indagar aos que pediam sobre seus intentos, sugerindo tratar-se de uma pessoa sem instrução ou pouco dignificante, pois, além da limpeza, realizava “trabalhos menores de costura como passejar as peúgas dos pajens” (SARAMAGO, 1998, p. 16).

Apesar de ficcional, a vertente ontológica que permeia a construção da personagem evocada por Saramago a identifica pela representação simbólica que se origina do processo histórico das mulheres em um mundo supostamente dominado pelo masculino. A simbólica figura feminina apresentada por Saramago concentra a identificação de uma personagem localizada em uma posição diametralmente oposta ao rei, mas “que despachava sim ou não conforme estivesse a maré” (SARAMAGO, 1998, p. 09) desvelando que, mesmo inferiorizada em suas ações, era imprescindível.

A personagem que representa a mulher revela um universo complexo e que somente ela saberia administrar, no conto, receber demandas da vida de reinóis, isto é, tarefa com a qual os homens – do rei aos seus secretários e ajudantes – não queriam lidar, seja por impaciência, desmerecimento ou por considerarem as petições algo menor na escala de valores que cabiam aos homens, feitas por gente que: “incomodava com lamúrias” (SARAMAGO, 1998, p. 10). Assim era a mulher que atendia a porta das petições: encaminhava os pedidos ao rei e evitava, entre outros, escândalos que ameaçavam o sossego e “faziam aumentar gravemente o descontentamento social” (SARAMAGO, 1998, p. 11).

As representações do trabalho executado pela mulher da limpeza procuram caracterizá-la, bem como o espaço social habitado. Mesclados pela vida urbana e portuária, os modos considerados ordinários que a desprestigiam ao mesmo tempo a desvelam como figura política importante. A condição vivida por homens e mulheres na paisagem ficcional, uma cidadela organizada em torno da monarquia, permite



considerar como o autor propõe o debate em relação à mulher e sua historicidade. Nesse contexto aproximativo, cabe destacar que a mulher pública é assim caracterizada pela historiografia:

No espaço público, aquele da Cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores. Opõem-se como o dia e a noite. Investido de uma função oficial, o homem público desempenha um papel importante e reconhecido. Mais ou menos célebre, participa do poder [...]. O homem público, sujeito eminente da cidade, deve encarnar a honra e a virtude. A mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria. (PERROT, 1998, p. 07)

Como sinalizado, a história das mulheres muito recentemente alcançou seu lugar no âmbito da pesquisa acadêmica. Mesmo que Olympe de Gouges (1748-1793) e Mary Wolstonekrafit (1759-1797) sejam reconhecidas pioneiras na reivindicação dos direitos das mulheres, somente nos anos 1960/70, em uma segunda onda feminista, problemas de gênero foram assumidos como relevantes para o entendimento das relações sociais, da ordem social e dos lugares assumidos pelas mulheres no processo histórico, pois invariavelmente imaginadas e significadas a partir do binarismo organizado pela economia e falocêntrica.

O texto de Saramago desvela uma mulher diametralmente oposta ao que a dominação do masculino permite considerar, pois protagoniza o conto constituindo-se em um dos eixos possíveis de análise histórica presente na obra literária na medida em que o nível discursivo que a evoca exprime significados e representações, ou seja, percurso gerativo de sentido em semiótica. De acordo com Judith Butler, toda a forma de representação é política e em suas palavras: “[...] serve como termo operacional no seio de um processo político [...] é a função normativa de uma linguagem que revelaria ou distorceria o que é tido como verdadeiro [...]” (BUTLER, 2015, p. 18). Desse processo é possível perceber os critérios pelos quais os sujeitos são formados ou produzidos, como identifica Michel Foucault (1978; 1979).

A perspectiva permite considerar que os indivíduos são condicionados e regulados por determinações dadas *a priori*, por representações construídas de acordo com exigências de cada contexto histórico, cuja ordem simbólica cria a inteligibilidade cultural (BUTLER, 2015, p. 86), bem como as resistências aos imperativos dominantes. Concebendo-



se a literatura como uma possibilidade de acesso ao imaginário, como uma dimensão simbólica do real, ao observarmos algumas personagens femininas de Saramago prenunciamos as desconstruções de estereótipos tão comuns na história da literatura ocidental. Ao longo de séculos, a sociedade engendrou a mulher como uma alteridade, um não-“eu”, ou seja, o oposto do masculino; portanto, o lugar da fragilidade, da subserviência, da anulação/ocultação, ou ainda, da sedução demoníaca responsável pela perda da inocência e da permanência humana no paraíso. Eis a posição feminina nas sociedades patriarcais e falocêntricas gestadas no olhar eurocêntrico.

Simone de Beauvoir, em sua obra *Segundo Sexo* (1949), reflete sobre a ideia hegeliana do Outro e vê nisso o significado mais contundente da submissão e opressão da mulher. Na segunda sessão da obra, Beauvoir, ao analisar mitos, utiliza-se de romances. Não é sem razão, pois, que a literatura é uma fonte inesgotável de estudos da alma humana e das sociedades.

As personagens femininas de Saramago tendem a desconstruir alguns estereótipos tão profundamente arraigados em nossas sociedades. A representação da mulher fragilizada, submissa, ou mesmo a serpente sedutora, diabólica e dissimulada não encontram ecos na literatura do autor português, ao contrário, para citar somente duas de suas obras, em *Memorial do Convento*, Blimunda, casada com Baltazar, assume uma posição de igualdade em relação ao marido, jamais de submissão; *Em Ensaio sobre a cegueira*, a personagem feminina, a mulher do médico, representa a força, demonstra o poder de uma mulher determinada, espirituosa e líder. Ainda que tenha “entendido” a traição do marido, isso não denota, de modo algum, passividade ou resignação.

A análise semiótico-narrativa de excertos depreendidos da obra de Saramago, que é objeto deste artigo, apresenta algumas unidades narrativas, isto é, trechos de enunciados que constroem sentidos dos quais se pretende extrair vozes de enunciadore, personagens e narrador, das quais emergem o suplicante, o rei, a mulher da limpeza e o capitão. Os níveis de análise de organização textual demonstram fluxos narrativo-figurativos representados por personagens e suas ações, considerados como elementos naturais do enunciado, ou seja, enunciações transmitidas pelos sujeitos-personagens.



Os percursos de enunciados temático-dissertativos, considerados como elementos conceituais do enunciado, porque tecem juízos, constroem o que Greimas denomina como fixidez de sentidos, símbolos, isotopias, e, por meio de comentários e descrições do narrador, vão transbordando sentidos, valores e modos de vida que consubstanciam percursos gerativos de sentido existentes no próprio mundo social. A análise consiste em evidenciar que, por meio da língua e da linguagem, é demonstrado como se constituíram os sujeitos na medida em que sempre que se fala, está se constituindo uma identidade. O sujeito, portanto, forma-se da apreensão da realidade e das vozes sociais em que está imerso.

Abre a porta, disse o rei à mulher da limpeza, e ela perguntou, Toda, ou só um bocadinho. O rei duvidou por um instante, na verdade não gostava muito de se expor aos ares da rua, mas depois reflexionou que pareceria mal, além de indigno da sua majestade, falar com um súdito através de uma nesga, como se tivesse medo dele, mormente estando a assistir ao colóquio a mulher da limpeza, que logo iria dizer por aí sabe Deus o quê, De par em par, ordenou [...]
(SARAMAGO, 1998, p. 11-2).

Essa passagem do texto de Saramago permite observar a apresentação da mulher da limpeza de maneira oposta ao que se considerava como característico do gênero: a incapacidade da razão, do pensamento. Como caracteriza o conto, ela pensa, questiona, propõe e toma as iniciativas que fazem o rei duvidar de si mesmo. Esses feixes significativos caracterizam a personagem e a figurativizam por meio de suas ações de controle e domínio da situação. A mulher da limpeza não representa a fragilidade atribuída ao gênero, ao contrário, e mesmo que a dominação do masculino queira supô-la como uma pessoa bisbilhoteira, indiscreta e leviana, ela, como se observará, é íntegra, justa e decidida. Nesse ponto, é possível estabelecer conexão com o que propõe Michel Foucault (1979) ao avaliar o impacto dos micropoderes na vida social mais ampla, das tecnologias de adestramento dos corpos, possibilidade reiterada por Judith Butler quando afirma que “os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequentemente passam a representar” (2015, p. 18).

Também em relação à instância da enunciação, a opção do autor foi por uma debragem actancial enunciva, quando nela se instaura o actante do enunciado: ela - a mulher da limpeza, produzindo um efeito de



sentido de objetividade. O assombro deixou o rei a tal ponto desconcentrado, que a mulher da limpeza se apressou a chegar-lhe uma cadeira de palhinha, a mesma em que ela própria se sentava quando precisava trabalhar de linha e agulha [...] (SARAMAGO, 1998, p. 16)

Nesta unidade narrativa, percebe-se a relação da mulher da limpeza com o rei por meio da conexão estabelecida entre ambos, na qual ela, ao perceber o assombro do rei, faz chegar-lhe sua cadeira, para que, assim, o rei possa manter sua majestade diante do suplicante e dos cidadãos, que observam atentamente o desenrolar da petição. Novamente, a mulher que Saramago apresenta não corresponde à representação comumente associada ao gênero, pois, atenta e perspicaz, é ela quem ampara o rei, dá-lhe guarida que permite a ele contornar o pasmo em que se encontrava.

O rei abriu a boca para dizer a mulher da limpeza que chamasse a guarda do palácio a vir estabelecer imediatamente a ordem pública e impor a disciplina, mas, nesse momento, as vizinhas que assistiam das janelas juntaram-se ao coro com entusiasmo, gritando como os outros, Dá-lhe o barco, dá-lhe o barco [...] (SARAMAGO, 1998, p. 19).

Observam-se, nesse trecho, descrições que apontam para elementos que a historiografia permite considerar como singular do gênero feminino: são as mulheres que iniciam os processos revolucionários, são elas que inauguram os movimentos reivindicatórios (DUBY; PERROT, 1991). Para além da mulher da limpeza, “as vizinhas”, que assistiam à petição inusitada e que demoveu o rei de sua posição na porta dos obséquios, fortalecem o coro dos cidadãos, fazendo com que o rei temesse a “manifestação da vontade popular” (SARAMAGO, 1998, p. 19). Como caracteriza Dominique Godineau (1991, p. 23), “os numerosos apelos dos militantes às mulheres traduzem também a concepção dos papéis masculino e feminino na insurreição [...] Dos seus gestos e das suas vozes, nascerá a revolta”.

Pode-se observar, ainda, o verbo “abriu” – no pretérito perfeito do indicativo – indicando uma ação em relação a um marco temporal pretérito instituído no texto (nesse momento...as vizinhas juntaram-se...). O tempo ordena-se relativamente a uma demarcação instaurada no texto, a debreagem temporal é, pois, enunciativa.



O sujeito discursivo instaura-se no texto e passa a ser a referência para a organização do espaço e do tempo. Assim as relações espaciais e temporais estão ancoradas no “eu” enunciador. Segundo Benveniste (1976), se a enunciação é o lugar da instauração do sujeito e este é a referência para a instauração das relações espaço-temporais, é na enunciação que se encontram *ego*, *hic* e *nunc*. Essas categorias (eu, aqui e agora) – de pessoa, espaço e tempo existem em todas as línguas. Portanto, na passagem analisada, diz-se que ocorre uma debreagem enunciva – um mecanismo de instauração de pessoas, espaço e tempo no enunciado, pois a debreagem actancial aponta para uma terceira pessoa (ele/ela). Além disso, a narrativa é contada com os tempos do subsistema pretérito (pretérito perfeito, pretérito imperfeito, pretérito mais que perfeito, futuro do pretérito).

Quando, ao contrário, a debreagem actancial é enunciativa, aparecem no enunciado o eu/tu, os tempos verbais são do presente e o espaço é ordenado em relação ao espaço da enunciação (aqui e não lá).

Importa ressaltar que a debreagem enunciva cria no texto um efeito de sentido: o da objetividade. A instalação desses simulacros – *ego*, *hic* e *nunc* – não significa que o texto é subjetivo ou objetivo, uma vez que todo texto é produzido por um sujeito, portanto sempre será fruto da subjetividade e visão de mundo do enunciador. O que ocorre é a produção de narrativas com efeito de subjetividade ou objetividade. No que se refere à narrativa literária, tem-se que a opção pela categoria enunciva busca produzir um efeito de objetividade no intuito de conseguir a adesão do co-enunciador (leitor) ao que se está narrando.

Quando o homem levantou a cabeça, supõe-se que desta vez é que iria agradecer a dádiva, já o rei tinha se retirado, só estava a mulher da limpeza a olhar para ele com cara de caso [...] A aldabra de bronze tornou a chamar a mulher da limpeza, mas a mulher da limpeza não está, deu a volta e saiu por outra porta, a das decisões, que é raro ser usada, mas quando o é, é. Agora sim, agora pode-se compreender o porquê da cara de caso com que a mulher da limpeza havia estado a olhar, foi esse o preciso momento em que ela resolveu ir atrás do homem quando ele se dirigisse ao porto tomar conta do barco [...] (SARAMAGO, 1998, p. 23-4).

O narrador, quando expõe as descrições da mulher da limpeza, confere poder de decisão à personagem, que, por sua vez, reverbera a característica ao sair pela porta “que é raro ser usada, mas quando o é, é”. O fato de ela sair pela porta das decisões evoca o gênero de outra maneira e



estabelece outra relação entre os sexos: o retrato da mulher que limpa, que costura, que auxilia se esvai e a visão manifesta a coragem e o poder que dela emana, ou seja, diametralmente oposto do significado atribuído, do poder político da construção dos sujeitos, pois “em virtude de a elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e reproduzidos de acordo com as exigências delas” como reitera Judith Butler (2015, p. 19).

No trecho: “pode-se compreender o porquê da cara de caso”, o narrador demonstra, por meio da unidade narrativa, ações de autoconfiança, racionalidade e orgulho. A personagem apresenta predicados de sentido reveladores de uma nova condição: é decidida, não teme a ira nem as vicissitudes de suas ações, aspectos demonstrados pela personagem e que estabelecem uma nova identidade feminina. Sair pela porta das decisões para buscar a ilha desconhecida implica decidir libertar-se das amarras ideológicas para autodescobrir-se.

O fluxo de consciência, isto é, os pensamentos que pareciam vir da mulher da limpeza, evocados pela voz do narrador, transpõem as ideias que se tem sobre o universo feminino – limpar, coser, abrir as portas - e que caracterizam a função social da mulher, pois seus atributos demonstram não a permanência desses valores, mas a resistência aos imperativos que a desqualificavam, como estabelece a passagem que segue:

Pensou ela que já bastava de uma vida a limpar e lavar palácios, que tinha chegado a hora de mudar de ofício, que lavar e limpar barcos é que era a sua vocação verdadeira, no mar, ao menos, a água nunca lhe faltaria. O homem nem sonha que, não tendo ainda sequer começado a recrutar os tripulantes, já leva atrás de si a futura encarregada das baldeações e outros asseios [...] (SARAMAGO, 1998, p. 24).

Pode-se observar que o fato de a mulher pensar confirma uma debreagem enunciativa, indicando não mais a dependência da actante a uma submissão incontestada, imposta hierarquicamente. Tal debreagem produz o efeito de sentido de objetividade, compondo a isotopia discursiva em que a personagem, objetivamente, recusa-se a permanecer numa posição subalterna. No nível semântico discursivo, sua necessidade de “mudar de ofício” revela seu descontentamento, bem como sua resistência; deste modo, indica sua vontade de mudança. Um pouco afastada dali, escondida por trás de uns boldões, a mulher da limpeza correu os olhos pelos barcos



atracados, Para o meu gosto, aquele, pensou, porém sua opinião não contava, nem sequer havia sido contratada (SARAMAGO, 1998, p.26).

A debreagem enuncia do excerto em que aparece novamente a mulher da limpeza focaliza uma das relações sociais que se estabelecem entre os gêneros. Ainda que decidida, sua condição não a permitiria opinar, mesmo que seu sentimento fosse de tal modo decisório, era a palavra dos homens - o suplicante e o capitão - que definiria qual seria o barco; logo, a narrativa desvela a impossibilidade das mulheres de intervir no julgamento dos homens. Seu desejo, entretanto, era correspondente, como se nota na passagem a seguir:

Assim que a mulher da limpeza percebeu para onde o capitão apontava, saiu a correr por detrás dos bidões e gritou, É o meu barco, é o meu barco, há que perdoar-lhe a insólita reivindicação de propriedade, a todos os títulos abusiva, o barco era aquele de que ela tinha gostado, simplesmente (SARAMAGO,1998, p. 28).

Observam-se as preocupações da mulher da limpeza com seu desejo e avaliação apurada, todavia, considerados irrelevantes, pois apenas os homens é que saberiam escolher e, mesmo ela estando correta, não caberia à mulher tal poder de intervenção, nesse sentido, avaliada como insólita e abusiva. Ainda assim, o narrador reivindica o poder de decisão feminino ao explicitar que “[...] a mulher da limpeza não se conteve, Para mim não quero outro [...]” (SARAMAGO,1998, p. 31), indicando que a avaliação dela, além de corresponder ao que decidiram os homens, antecipou e abalizou as decisões masculinas.

Quem és tu, perguntou o homem, Não te lembras de mim, Não tenho ideia, Sou a mulher da limpeza, Qual limpeza, A do palácio do rei, A que abria as portas das petições, Não havia outra, E por que não estás tu no palácio do rei a limpar e abrir portas, Porque as portas que eu realmente queria já foram abertas e porque de hoje em diante só limperei barcos. Então estás decididas a ir comigo procurar a ilha desconhecida, Saí do palácio pela porta das decisões, Sendo assim, vai para a caravela, vê como está aquilo, depois do tempo que passou deve precisar de uma boa lavagem, e tem cuidado com as gaivotas, que não são de fiar, Não queres vir comigo conhecer teu barco por dentro, Tu disseste que era teu, Desculpa, foi só porque gostei dele, Gostar é provavelmente a melhor maneira de ter, ter deve ser a pior maneira de gostar (SARAMAGO,1998, p. 32).



O enunciador demonstra, nesse trecho, um aspecto essencial para as análises ideológicas discursivas da mulher da limpeza. O homem que pede o barco parece não ter reconhecido a mulher que vai acompanhá-lo e insiste em submetê-la à antiga e histórica condição, afinal, a limpeza era o complemento que adjetiva seu nome, como se reitera nos dois fragmentos a seguir: “E por que não estás tu no palácio do rei a limpar e abrir portas”; “Sendo assim, vai para a caravela, vê como está aquilo, depois do tempo que passou deve precisar de uma boa lavagem”. E acrescentou: “Ela que se encarregue de tudo, eu vou recrutar a tripulação [...]”(SARAMAGO, 1998, p. 32).

Na sequência da narrativa, ela vai ao escritório do capitão para pegar as chaves, entra no barco e “duas coisas lhe valeram aí, a vassoura do palácio e a prevenção contra as gaivotas” (SARAMAGO, 1998, p. 33) que tentavam devorá-la. Dois elementos metaforizam a trajetória da mulher: a vassoura, remetendo ao antigo fazer, e as gaivotas, prenunciando as dificuldades futuras em razão de sua resistência. Com toda firmeza, ela faz debandar as gaivotas utilizando da vassoura como um “espadão”, ou seja, por meio de signos fálicos, reproduzindo um gesto masculino paradigmático, a mulher faz reconhecer e valorizar sua vontade e força.

A transfiguração da atividade feminina de varrer e coser para sua nova atividade, em que exercita o novo papel social - navegar e descobrir a ilha desconhecida - fica evidente:

As velas são os músculos do barco, basta ver como incham quando se esforçam, mas, e isso mesmo sucede aos músculos, se não se lhes dá uso regularmente, abrandam, amolecem, perdem nervo, E as costuras são os nervos das velas, pensou a mulher da limpeza, contente por estar a aprender tão depressa a arte da marinharia.(SARAMAGO, 1998, p. 34)

Nessa viagem insólita, o barco está personificado, evocando um corpo, com músculos e nervos: é ela mesma na significativa busca e autocompreensão de sua identidade - essa que vai sendo construída a cada página, aprendendo e apreendendo-se na observação e na relação com o outro.

O projeto das Grandes Navegações, intertextualizado na narrativa, foi um empreendimento eminentemente masculino, entretanto



quem o assume desta vez é a mulher. Ela é que toma a decisão de navegar e seu corpo metaforiza e personifica o próprio barco.

Ao colocar-se em movimento no projeto de navegação, encaminha a descobrir-se e questionar-se na relação com o outro. E esse movimento é recíproco. Modifica-se, também, a condição masculina, como se confirma: “A mulher da limpeza foi esperá-lo à prancha, mas antes que ela abrisse a boca para se inteirar de como lhe tinha corrido o resto do dia, ele disse, Está descansada, trago aqui comida para os dois” (SARAMAGO, 1998, p. 39). A atitude do homem do barco rompe as expectativas da mulher da limpeza, que pensara até então ter que lhe preparar a comida. A despeito de não mais existirem ilhas desconhecidas, os dois ousam a descoberta e o fazem cada um por si e ambos em relação: “mas quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver, Não o sabes, Se não saís de ti, Não chegas a saber quem és [...]” Que é necessário sair da ilha para ver a ilha, que não nos vemos se não saímos de nós” (SARAMAGO, 1998, p. 41). Essa dinâmica de entrar e sair de si, de vivenciar a experiência do outro para aprender sobre um novo lugar identitário e social é o que faz fluir a viagem - metáfora da mobilidade do olhar e captura de novos sentidos.

Curioso observar que, no decurso da narrativa, a personagem feminina passa de porteira insignificante a parceira (GOMIDE, 2001) com a qual o homem (agora) do leme compartilha a viagem - relação que também se reforça na forma da expressão em diálogo à medida que passa a interlocutora e não mais observadora ou ouvinte passiva do discurso do outro.

A cada momento da viagem, novos sentidos se constroem para os sujeitos e o retorno à condição anterior é irreversível. “Nunca me riria de quem me fez sair pela porta das decisões, Desculpa-me, E não tornarei a passar por ela, suceda o que suceder” (SARAMAGO, 1998, p. 46-47).

Ironicamente, Saramago transfere ao narrador a tarefa de colocar em xeque a expectativa sobre o discurso ideológico masculino. Ao decidirem dormir naquela primeira noite, disse o homem do barco: “Que tenhas sonhos felizes, foi a frase que lhe saiu, daqui a pouco, quando lá estiver em baixo, deitado no seu beliche, vir-lhe-ão à ideia outras frases, mais espirituosas, sobretudo mais insinuantes, como se espera que sejam as de um homem quando está a sós com uma mulher” (SARAMAGO, 1998, p.50).



O fim da narrativa encena o sonho do homem do leme - alterego de Saramago -, que dirige a caravela-texto, como uma espécie de Noé no intuito de povoar um novo território-imaginário, renovando a experiência humana e reordenando a vida e as relações entre os seres. No novo território, homem e mulher convivem em igualdade, são dois corpos e duas sombras-almas que caminham lado a lado, como revela o excerto a seguir:

Desde que a viagem à ilha desconhecida começou que não se vê o homem do leme comer, deve ser porque está a sonhar, apenas a sonhar, e se no sonho lhe apetecesse um pedaço de pão ou uma maçã, seria um puro invento, nada mais.[...] Então o homem trancou a roda do leme e desceu ao campo com a foice na mão, e foi quando tinha cortado as primeiras espigas que viu uma sombra ao lado da sua sombra. Acordou abraçado à mulher da limpeza, e ela a ele, confundidos os corpos [...] (SARAMAGO, 1998, p. 42)

Menos uma história de amor, como poderia parecer a olhos românticos, e mais uma história de autodescoberta e metaficção, à luz da pós-modernidade, a viagem à ilha desconhecida é a escrita de uma nova forma de ver o mundo e nele intervir. Saramago nos oferece a possibilidade de buscar outros sentidos para reordenar as relações humanas, com uma escrita alegórica capaz de fazer questionar valores e despertar no leitor a vontade reflexiva, nesse sentido, das mulheres. Mais do que deslocamento espacial, a viagem evoca deslocamento individual e social, uma circum-navegação em si mesmo a partir do outro.

A presença do insólito na transformação do barco em ilha desconhecida constitui-se como estratégia para provocar estranhamento do leitor e levá-lo a pensar sobre a possibilidade de ruptura com o que se constrói socialmente como realidade estável, fixa, binária. Revela-se a percepção de uma incongruência na “representação” referencial da realidade vivida, engendrando o leitor em uma experiência de indescritível inquietação - o que o leva à busca de novos sentidos. À medida que “A Ilha Desconhecida fez-se enfim ao mar, à procura de si mesma” (SARAMAGO, 1998, p. 43), compreende-se a necessidade de busca incessante e de reconstrução permanente das duas identidades.

Considerações Finais

À guisa de conclusão, se a literatura é fenômeno de linguagem, analisar os elementos discursivos que servem de vetores a esse



empreendimento imaginário torna-se exercício relevante para descobrir e compreender relações que se estabelecem no contexto histórico e cultural em que se vive.

É Piglia (2004) quem intui que um conto sempre conta duas histórias: uma visível e outra secreta. Por ser plurissignificante, a arte da palavra abre múltiplas possibilidades interpretativas ao leitor para que desvende esse relato secreto. Navegar pelos caminhos intrincados do texto de Saramago convida o leitor a construir sentidos que o motivam a encontrar-se com o passado e revê-lo, questionar o presente para projetar o futuro. O autor português opera insistentemente com a inversão de valores e das relações de poder: um homem comum pede um barco (não o império português); uma mulher “insignificante” decide conduzir o processo (não o homem poderoso); o rei se senta na cadeira da mulher da limpeza, rompendo humildemente com as hierarquias, entre tantas outras que fazem o leitor enxergar as relações de gênero por outros prismas.

O *Conto da Ilha desconhecida* inicia abrindo portas para sua navegação, instigando o leitor a descobrir caminhos visíveis e invisíveis e, ao lado das personagens, dispor-se em viagem imaginária, não apenas para a leitura da história ficcional, mas, sobretudo, para a releitura e a re-escritura da história, em nossa perspectiva, da história das mulheres. Com essa obra, e tantas outras, Saramago, ironicamente, desconstrói discursos paradigmáticos e sugere a necessidade de mudança nos valores estabelecidos.

Sabe-se que o escritor esmera-se na construção mais de personagens do que de ações, o que revela seu olhar atento ao humano e à construção de relações de humanidade. Seu projeto estético revela consciência de linguagem, o que reverbera não apenas no plano do conteúdo, mas também no plano da expressão, a partir do qual revela o tom irônico do narrador, as rupturas gramaticais, especialmente os efeitos de sentido provocados por uma pontuação inovadora que faz ouvir o diálogo das vozes - masculina e feminina -, entre outras opções intencionais que qualificam sua produção estética.

A escrita da viagem, esse deslocamento imaginário por meio do jogo linguístico, constitui-se como gesto humanizador, movido pela história e alimentado pelo desejo de providenciar novas formas de ver, de viver e de conviver. Nesse sentido, é inegável que a ficção de Saramago, como um



patrimônio simbólico, cujo texto se apreende como objeto de significação e de comunicação, pode testemunhar-se como fonte possível para a investigação interdisciplinar em Ciências Humanas.

REFERENCIAS

BEAUVOIR, S. de. **O Segundo Sexo**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

BENVENISTE, Emile. **Problemas de Linguística Geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/ EDUSP, 1976.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CANDIDO, A. **Formação da literatura brasileira**. 1 vol. 8.ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

_____. **Literatura e Sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre o azul, 2006.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. 13. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FOUCAULT, M. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

_____. **Microfísica do Poder**. 11 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GODINEAU, D. “Filhas da Liberdade e Cidadãs Revolucionárias”. In: DUBY, G.; PERROT, M. **História das Mulheres: o século XIX**. Porto: Afrontamento, 1991.

GOMIDE, M de F. I. “Seja razoável, exija o impossível’: o sonho da ilha desconhecida”. In: DUARTE, L. P. et al.(Orgs.). **Anais do XVII Encontro de Professores Universitários Brasileiros de Literatura Portuguesa**. vol. 1. Belo Horizonte, 2001.

GREIMAS, A. J.; COURTÈS, J. **Dicionário de Semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

MATOS, M. I. S. de. **Por uma História da Mulher**. 2. ed. Bauru: Edusc, 2000.

PERROT, M. **Mulheres Públicas**. São Paulo: Edunesp, 1998.

PIGLIA, R. “Teses sobre o Conto”; “Novas Teses sobre o Conto”. In: _____. **Formas Breves**. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SARAMAGO, J. **O conto da ilha desconhecida**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

